

“Restituir” com paciência e dedicação

Rute Carrapato
Curso Profissional de Técnico de Cartografia

Rute Carrapato inscreveu-se no Curso Profissional de Técnico de Cartografia sem grandes expectativas. Ia apenas ver o que era. Mas, adorou e empenhou-se a sério. Apaixonou-se pela vertente da Fotogrametria que exige paciência e minúcia, bem como algo mais específico como a capacidade de ver a três dimensões. Felizmente, tem essa faculdade.



Após a conclusão do 9.º ano de escolaridade, Rute Carrapato estava indecisa sobre a área de estudos a prosseguir. A cartografia parecia aliciante mas foi apenas por indicação de uma tia, que também trabalha nesta área, que se foi inscrever na Escola Profissional de Ciências Geográficas. “A ideia foi um bocado assim: venho aqui experimentar e, se não gostar, vou-me embora”, revela Rute. O certo é que ficou porque adorou o que encontrou.

O Curso Profissional de Técnico de Cartografia tem duas variantes (a de cartógrafo e a de fotogrametrista), integrando-se na área de educação e formação de arquitetura e urbanismo. Rute Carrapato apaixonou-se por Fotogrametria.

«No primeiro ano as variantes estão juntas mas, a partir do segundo, dividem-se. Então eu pensei: “Tenho de aprofundar, porque eu gosto mesmo disto”», conta, referindo que, por essa razão fez um esforço, mesmo perante disciplinas pelas quais sentia menos apetência. Este curso tem sobretudo a ver com representação geográfica. Assim, para além das disciplinas mais convencionais como o Português e a Matemática, os alunos aprendem, logo no primeiro ano, o que é um mapa, uma carta, uma escala ou uma representação. Depois e à medida que vão evoluindo, vão tendo contacto com assuntos mais técnicos.

“Basicamente o trabalho é sempre o de representar a Terra nas suas duas variantes: a aérea e a terrestre”, refere Rute Carrapato. “Na minha área tenho de trabalhar com duas fotografias aéreas que, depois de juntas, através de um software apropriado, permitem ver a três dimensões. Com base nisto, depois restituo”, acrescenta.

O processo de restituição

Restituir, neste caso, não é um sinónimo do verbo “devolver”. Em linguagem fotogrametrista restituir corresponde à produção de originais de mapas ou cartas topográficas, a partir de fotografias aéreas obtidas com





câmaras métricas. Este processo transforma a projeção cônica de cada fotografia numa única projeção ortogonal sobre um plano onde são desenhados os detalhes de interesse para o mapa. Essa transformação para projeção plana é feita na área de sobreposição das duas fotografias de sequência, o chamado modelo.

Na prática este processo corresponde apenas a uma fase de um trabalho mais complexo que Rute Carrapato detalha: «Na primeira fase é necessário saber qual a área a cobrir e sobre essa área faz-se um voo aéreo para se tirar várias fotografias. Com essas fotografias faz-se um modelo. Na segunda fase os topógrafos vão para o terreno tirar pontos que nós identificamos posteriormente nas fotografias. Depois disso é a orientação das fotografias, a identificação e a ligação desses pontos e do modelo da área sobreposta ao terreno. Passa-se, posteriormente, a uma fase de edição que é basicamente um trabalho de verificação e de “alindamento”, eliminando alguma coisa que esteja a mais, ou acrescentando alguma que falte. Só depois disso o trabalho é impresso».

Mas, em termos práticos, para que serve este tipo de trabalho e quem o solicita? Rute Carrapato esclarece que “os clientes que pedem este tipo de trabalhos são as Câmaras Municipais e o próprio Instituto Geográfico, porque têm de manter sempre atualizadas as cartas do território nacional. Há alguns clientes privados que querem saber de algumas áreas, tendo a intenção de construção. Outros querem manter o mapa de estradas atualizado e outros ainda querem saber de construções demolidas ou edificadas”.

Projetos reais, empenho e minúcia

No decorrer do curso, Rute Carrapato realizou dois estágios. O primeiro decorreu no 2.º ano, no Instituto Geográfico Português, com a duração de um mês. O segundo, de dois meses, teve lugar no 3.º ano, numa empresa privada que se prontificou a recebê-la, depois de terminado o curso, para a realização de um estágio profissional cuja concretização está, neste momento, apenas dependente da resposta do Centro de Emprego.

Foi também através desta empresa que selecionou projetos para a sua Prova de Aptidão Profissional. Em concreto, pôde empenhar-se em dois projetos distintos: um relativo à cidade de Espinho e o outro à da Covilhã. Para a concretização dos mesmos desenvolveu ao máximo as aprendizagens que adquiriu, aplicando-as, neste caso, a situações reais para um cliente igualmente real. Gostou tanto do que fez e sentiu-se tão grata pela experiência que teve que, durante a apresentação do projeto, fez questão de frisar o quanto se tinha sentido realizada com o curso e com a Escola Profissional de Ciências Geográficas.

Por se ter empenhado tanto, recebeu o prémio de mérito como reconhecimento por ter sido a melhor aluna, entre 2007 e 2010, de todos os cursos ministrados na sua escola. “Desde o primeiro ano, quis ser melhor naquilo que fazia e esforçava-me por estudar, mesmo que não gostasse das matérias. Foram noites sem fim e muito esforço mas também tive muito apoio dos professores”, inclusive aos fins de semana, confessa.

Obviamente, ajudou muito também o facto de se entusiasmar pelo trabalho proporcionado pelo curso que, segundo refere, envolve alguma minúcia e paciência, assim como uma aptidão técnica que nem todos possuem. É que nem todas as pessoas conseguem ver a três dimensões. Por isso, é feito um despiste aos alunos logo no início do primeiro ano e, assim, quem não possa ser fotogrametrista terá de optar pela cartografia. Por sorte, Rute Carrapato tinha essa questão resolvida!

